



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FRANCISCO GEOVANE DO NASCIMENTO PEREIRA

**RELIGIÕES EM CONFLITO: CATÓLICOS E EVANGÉLICOS NA COMUNIDADE DE
OLHO D'ÁGUA DO CONSTANTINO, REDENÇÃO-CE.**

**ACARAPE – CEARÁ
2017**

FRANCISCO GEOVANE DO NASCIMENTO PEREIRA

RELIGIÕES EM CONFLITO: CATÓLICOS E EVANGÉLICOS NA COMUNIDADE DE
OLHO D'ÁGUA DO CONSTANTINO, REDENÇÃO-CE.

Projeto de Pesquisa apresentado ao Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de bacharel em Humanidades.

Prof. Orientador: Gledson Ribeiro de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram. É um engano pensar que os homens seriam livres se pudessem, que eles não são livres porque um estranho os engaiolou, que se as portas da gaiola estivessem abertas eles voariam. A verdade é o oposto. Os homens preferem as gaiolas ao voo. São eles mesmos que constroem as gaiolas onde passarão as suas vidas (Rubem Alves, 2014, p. 09).

Agradeço ao mundo por estar em constante mudança e nunca me deixar acomodar, achando que tudo está bem e resolvido, fazendo da vida uma caminhada cheia de surpresas. Agradeço à minha família, em especial minha querida mãe, que sempre lutou para que eu tivesse um futuro brilhante, e por todas as batalhas que ela enfrentou para me fazer ser quem sou.

Agradeço ao meu orientador, Gledson Ribeiro de Oliveira, pela paciência, dedicação e por toda ajuda, nesse momento tão importante da minha vida.

Agradeço ainda a dois seres iluminados que cruzaram o meu caminho, me fazendo acreditar que meu sonho de mudar de vida era possível. Eles foram, junto com minha mãe, meus maiores incentivadores nessa longa caminhada. Não citarei nomes por motivos óbvios. Eles sempre me estenderam as mãos nos momentos em que economicamente eu não podia caminhar sozinho, e que nem minha mãe podia me ajudar, e por eles não terem se glorificado para outras pessoas sobre esse fato.

Agradeço aos amigos de longas datas, inclusive aos que perdi por divergências pessoais, no período de conclusão da pesquisa, e a todos os outros que entraram na minha vida mais recentemente. Todos foram, de diferentes maneiras e dosagens, importantes nessa minha caminhada.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos donos dos bares por me receberem quase que diariamente, consternado com os problemas da vida acadêmica e pela dificuldade da escrita no percurso deste trabalho. Obrigado, cervejas, cachaças, caipirinhas e todas as bebidas alcoólicas por ouvirem todos meus lamentos sem reclamarem.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO E PROBLEMATIZAÇÃO	6
2.1 OS EVANGÉLICOS DO TEMPLO PENTECOSTAL EM CRISTO JESUS	8
2.2 IGREJA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	9
2.3 A PERCEPÇÃO DO OUTRO	9
2.3.1 CATÓLICOS	11
2.3.2 EVANGÉLICOS	11
2.3.3 SER RELIGIOSO	11
3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	12
4. QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA	14
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES	20

1. APRESENTAÇÃO

Tomando como base a leitura de obras de autores que discutem temas referentes às religiões e crenças, tais como Rubem Alves (1999; 2014), Peter Berger (1985) e Daniele Hervieu-Léger (2008), dentre outros, investigarei o conflito entre católicos e evangélicos na comunidade de Olho D'Água do Constantino, localizada na zona rural da cidade de Redenção, Ceará. Aqui se pretende levantar questionamentos a respeito do que ocasiona tais acontecimentos e o modo como a religião tem um papel efetivo na construção do mundo humano, sem a pretensão de esgotar toda vastidão do tema.

Saliento que este trabalho se encontra no formato de um projeto de pesquisa, não havendo ainda, portanto, estudo de campo suficiente para estabelecer resultados finais. As afirmações feitas no decorrer deste estudo são hipóteses e podem mudar durante a realização da pesquisa. Deve-se considerar que a pesquisa de campo desenvolvida está em fase exploratória e algumas observações diretas já foram realizadas, pois o pesquisador pertence a um dos grupos religiosos objeto da pesquisa.

Com um crescimento considerável da Igreja Evangélica *Pentecostal em Cristo Jesus*, na comunidade de Olho D'água do Constantino, os católicos da *Igreja Nossa Senhora das Graças*, que até então mantinham a hegemonia numérica, se veem confrontados. Isso porque os moradores estão se convertendo da Igreja Católica para a Igreja Evangélica. Aparentemente, esses conflitos não transparecem ser violentos porque não há agressões físicas. Porém, nesse panorama, escolher um dos dois grupos não é tarefa fácil, pois feita a escolha, seja ela qual for - permanecer católico ou se converter à igreja rival -, haverá um julgamento dos demais.

Em um país cada vez mais pluralista, em termos religiosos, no qual não existe uma única religião regendo a maior parte das regras, ao contrário do que acontecia antes, quando o catolicismo era hegemônico e suas doutrinas e vontades eram impostas com mais facilidade, os indivíduos podem agora escolher a religião que melhor atenda às suas necessidades. Como escreve Daniele Hervieu-Léger (2008, p. 37): “esta concepção religiosa de uma fé pessoal é uma peça mestra neste universo de representação de onde emergiu, progressivamente, a figura moderna do indivíduo, sujeito autônomo que governa sua própria vida”.

Saliento que essa individualidade se refere à escolha de qual grupo religioso melhor representa as expectativas e desejos do indivíduo, isto é, qual a religião que melhor atende às suas demandas pessoais. Sabemos que cada grupo tem suas regras e que essas regras servem para todos os participantes. A partir dessa liberdade da escolha da religião, a noção de ser ou não adepto de uma religião vem sofrendo ressignificações. O indivíduo pode mudar sua posição no campo religioso no momento em que achar melhor, o que podemos perceber seguindo a linha de pensamento de Reinaldo da Silva Júnior (2009, p. 121-122), quando o mesmo afirma que “não é uma indiferença à crença em si, mas seu afastamento do controle das instituições religiosas, causando uma individualização e uma subjetivação desta”.

Seguir uma determinada religião passa a ser algo subjetivo. No entanto, ao fazer uma escolha, o indivíduo passa a assimilar doutrinas, ideologias e comportamentos que se contrapõem ao de outros grupos religiosos. Cada indivíduo tem sua própria forma de viver no mundo religioso, com a autonomia de escolha de qual seguir, mas com obrigação de submeter-se às regras que regem o grupo escolhido.

A individualidade também faz com que, ao aderir a determinado grupo religioso, se conceba, de maneira involuntária, uma definição do que é ser religioso. O que nos faz questionar, afinal, o que é ser religioso na comunidade de Olho D'água do Constantino. A resposta para essa pergunta é um dos principais objetivos desta pesquisa, porque ela explicará uma das possíveis origens dos conflitos por motivação religiosa na comunidade em questão.

A religião não está apenas nas igrejas, também está no comércio e na política. Todas essas formas nos atingem de maneira direta ou indireta, causam impactos maiores em uns e menores em outros. A maneira como os indivíduos têm contato com esse mundo religioso, dissolvido em várias esferas da sociedade, é o que varia, mas é evidente que quase todos, ainda que se julguem não ativos, religiosamente falando, possam se autoafirmar religiosos pelo simples fato de acreditarem em um ser supremo chamado Deus, como se só o fato de acreditar na existência de uma ajuda divina fosse o suficiente para intitular alguém como religioso. No entanto, durante todo o debate em relação a essa afirmação, podemos perceber que ser religioso pode se tratar de algo bem mais complexo do que apenas se intitular religioso se paramos para analisar a visão de diferentes instituições.

Ainda que os evangélicos e os católicos fiquem em lados opostos ao tratar de alguns assuntos, atualmente, ambos se veem cercados por uma modernidade que exige que os mesmos também evoluam. Aquela forma de se fazer religião não é mais atraente. O público alvo foi, com o tempo, se afastando dos templos e igrejas e, para reverter tal quadro, as

instituições foram se modificando, de forma discreta. Uma espécie de modernização, lenta e silenciosa, que quase não foi notada, mas que foi necessária para que os mesmos entrassem em ascensão e conseguissem novamente a relevância que já tinham adquirido em outras épocas. Regras foram aos poucos sendo modificadas.

Isso não aconteceu rapidamente, tampouco de forma simples, pois se deu por processos. A liberdade que se tem hoje em qualquer religião, seja ela católica ou evangélica, foi fruto de reformas. A justificativa para isso é simples: no mundo atual, o homem não se molda totalmente à religião, ele molda a religião a ponto de sentir-se bem ao submeter-se às regras, e o que evidencia tudo isso é o crescente número de novas crenças, a pluralidade religiosa, que nos permite espaço para fazermos indagações e estudos como o deste projeto.

2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO E PROBLEMATIZAÇÃO

A escolha por este objeto de pesquisa se deu porque, por diversas vezes, andando na rua ou em conversas informais entre amigos, percebi que, embora quase todas as pessoas se considerem religiosas na comunidade de Olho D'água do Constantino, existe entre elas divergências sobre o que é ser religioso. Refiro-me, nesse momento, às pessoas pertencentes às duas instituições religiosas foco desta pesquisa.

Rubem Alves (1999, p. 36), citando Émile Durkheim no livro *O que é religião?* destaca: "Não existe religião alguma que seja falsa. Todas elas respondem de formas diferentes, a condições dadas da existência humana." Nesse sentido, os católicos podem afirmar serem a única religião correta e a única capaz de conduzir a salvação eterna, baseando-se na noção de que a sua religião foi a única deixada por Jesus. Da mesma forma, os evangélicos também podem ter suas convicções e certezas de alcançarem a salvação. Ainda assim, nenhum deles estarão errados. São grupos distintos, com perspectivas diferentes. O problema que pode ocorrer é que os indivíduos que integram estas instituições e sustentam estas afirmações passem a agredir uns aos outros e ocasionem um grande conflito, que estará para além das instituições.

Os conflitos religiosos deixam de ser uma problemática entre instituições e afetam as pessoas. Isso porque os conflitos podem intervir na vida social e psicológica dos indivíduos, levando estes sujeitos a se relacionarem somente com integrantes de sua própria religião. Na tentativa de evitar futuros aborrecimentos em relação à vida religiosa, por vezes,

os indivíduos que ficam nessa linha de fogo de discussão, em relação à religião, encerram os laços com pessoas que antes compunham seus círculos de amizade, pelo fato de existir entre os mesmos uma visão de mundo diferente, por convicções diferentes do que é ser religioso e do que é certo e errado dentro da religião. Os olhares sobre diversos conceitos no campo religioso variam por que cada igreja tem definições pré-estabelecidas sobre algumas questões. Podemos supor que algumas definições são realizadas de forma a atender demandas da própria instituição religiosa. Não bastasse tudo isso, as igrejas têm o poder de intervir na vida cultural dos assíduos, induzindo-os a frequentarem rituais, festas e, às vezes, na forma de se comportar e vestir.

No entanto, o debate sobre o que é ser religioso vai muito além do que apenas pertencer a algum grupo religioso. Percebi, durante conversas informais, que essas divergências na definição do ser religioso existem mesmo entre integrantes do mesmo grupo. Suponho que seja por que, além de elaborar uma significação para um mundo em conjunto com a religião, também se constrói um mundo pessoal carregado de valores íntimos, devido ao poder de interpretação de cada indivíduo. Ora, se existem conflitos entre integrantes do mesmo grupo religioso, fica evidente que esses conflitos não poderiam deixar de existir entre grupos diferentes. Na tentativa de expor tais fatos, focarei, então, em duas igrejas localizadas na comunidade de Olho D'água do Constantino, na zona rural da cidade de Redenção: o Templo Pentecostal em Cristo Jesus e a Igreja de Nossa Senhora das Graças.

De forma geral, pretendo expor um conflito aparentemente invisível, e quando digo aparentemente invisível é por que, embora toda essa problemática seja negada, vez ou outra ela surge de forma muito evidente, mesmo que não se concretize por violência física, mas com momentos calorosos, de fortes acusações, durante a realização de eventos realizados pelas instituições. Fazendo um diálogo sobre essa temática, objetivo mostrar o papel social da religião, além de uma buscar definir o que é ser religioso, tomando como base leituras de obras relacionadas ao tema inicial da pesquisa e de minha participação em um dos grupos acima citados. Pretendo também discutir como o sentido de ser religioso pode mudar, em consequência da pluralidade das ideologias existentes na modernidade, interferindo nessa definição, o que, durante todo o diálogo acerca dos fundamentos desses conflitos, pretende-se de forma sucinta esclarecer, deixando explícito que as duas são verdadeiras e justificáveis dentro de seus diferentes contextos. Por meio de observações realizadas como participante ativo de um dos grupos e como visitante no outro, farei uma breve apresentação dos grupos religiosos já mencionados.

2.1 OS EVANGÉLICOS DO TEMPLO PENTECOSTAL EM CRISTO JESUS



Figura 1. Templo Pentecostal em Cristo Jesus, na localidade de Olho d'água do Constantino, na zona rural da cidade de Redenção, Ceará. Fonte: Marcelo Alves.

Com a vivência que tive, é possível relatar sobre a programação semanal que os membros do grupo participam no decorrer da semana. Os evangélicos que frequentam o Templo Pentecostal em Cristo Jesus reúnem-se quatro vezes por semana para cultos. Nesses encontros, sempre fazem orações de libertação, dão testemunho de graças alcançadas e fazem pedidos. Para além dessas atividades, também organizam ações para ajudar os mais necessitados, como a distribuição de cestas básicas.

No entanto, saliento que esse tipo de ação não ocorre sempre. Lembro ainda que por se tratar de um templo novo, não existe grande número de adeptos. Porém, os que aderem ao grupo parecem ser engajados e determinados, sendo assíduos nos encontros de sábado e na evangelização de porta em porta, onde leem e interpretam passagens bíblicas. Na grande maioria das vezes, fazem visitas aos “irmãos” frequentadores do templo na intenção de manterem uma relação para além da estabelecida no templo, fortalecendo os vínculos existentes.

2.2 IGREJA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS



Figura 2. Igreja Nossa Senhora das Graças, na localidade de Olho d'água do Constantino, na zona rural da cidade de Redenção, Ceará. Fonte: Marcelo Alves.

Os católicos da Comunidade Nossa Senhora das Graças reúnem-se aos domingos para celebrações. Às segundas, terças e quartas-feiras rezam terços. Os grupos dividem-se em terço das mulheres, terço das crianças e o terço dos homens. Todos esses encontros têm uma data especial que é o quarto encontro de cada mês, realizado com a participação de toda a família. Às quintas-feiras, realizam o estudo bíblico, onde se reúnem para ler e interpretar a bíblia. Esse estudo é aberto à comunidade. Além de missas mensais, que geralmente acontecem em um sábado, são formados pequenos grupos de apoio na igreja como o coral; o grupo do batismo, que prepara os pais, padrinhos e madrinhas para o batismo; o grupo do catecismo, que tem como objetivo preparar as crianças para a primeira comunhão ou eucaristia; o grupo da crisma, que prepara os adolescentes para a terceira e última fase que busca consolidá-los como católicos. Os jovens, embora não estejam ativamente envolvidos em todos esses acontecimentos, ajudam na organização das festividades que são realizadas. Entre elas está a coroação da padroeira da igreja e das quermesses, entre outros diversos eventos que não necessariamente estão programados e que acontecem, de fato.

2.3 A PERCEPÇÃO DO OUTRO

Muitas de nossas percepções sobre o outro vem do que chamamos de pré-julgamento. No Dicionário Aurélio, o vocábulo significa “julgar antecipadamente”, em outras palavras, é a definição que fazemos quando julgamos o que não conhecemos ou que

conhecemos superficialmente, sem saber de sua verdadeira significância. Esse pré-julgamento, na maioria das vezes, se dá através do senso comum.

Para José de Souza Martins (1998), senso comum é todo conhecimento adquirido pelo homem através da experiência, que o faz refletir e evitar passar pela mesma experiência, caso ela tenha sido de sofrimento. O senso comum nada mais é que conhecimentos que adquirimos sem que seja preciso nos esforçarmos e que vamos acumulando na medida em que passamos pelas experiências vividas.

O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. (MARTINS, 1998, p. 03-04)

Como esse conhecimento é gerado através das relações sociais ele vem carregado de valores pessoais que podem variar por diversos fatores, tanto sociais quanto políticos, ou no caso desta pesquisa, por questões religiosas. Não se trata de dizer que esse conhecimento seja errado, mas que por se tratar de um conhecimento compartilhado nas relações sociais e moldado com valores individuais o mesmo pode estar contaminado por estereótipos em relação ao diferente.

O conflito entre as instituições religiosas, em grande parte, está ligado com a maneira como os integrantes dos grupos analisam as características do outro através de temas polêmicos e sem fundo teórico suficiente para justificá-los, utilizando apenas o que costumamos chamar de senso comum.

A maneira como o evangélico se vê e justifica a realidade é completamente diferente da maneira como o católico se vê e justifica a sua. Isso se torna ainda mais evidente quando um integrante, a partir das representações definidas por sua religião, analisa o mundo religioso do outro a partir de temas controversos. Talvez por isso muitas questões religiosas não foram e talvez nunca sejam resolvidas, por não haver a tentativa de colocar-se no lugar do outro e procurar entender o contexto em que o outro está inserido.

Existem milhares de exemplos para explicar a visão conturbada existente entre ambas as religiões. O certo sempre é o lado que acusa e ao acusado somente cabe aceitar. Essa visão de mundo fechada e fundamentada em pensamentos imutáveis torna grosseiras essas diferenças. Feita toda essa discussão e observações, espero ter deixado nítido o papel legitimador e formador de mundo que as instituições religiosas têm na vida de cada indivíduo,

e que Peter Berger (1985), discorre em sua obra *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*.

No próximo tópico, faço uma breve exposição sobre a percepção que os católicos e evangélicos têm um do outro, a partir do relato das pessoas que participam das duas igrejas.

2.3.1 CATÓLICOS

Para os católicos, os evangélicos querem ser “perfeitos”, mas são “falsos”, porque “fingem” cordialidade com todos, não suportam terem suas ideias contrariadas, são “cheios” de normas que prendem seus participantes, chegando a “sufocá-los”. São “chatos” porque exigem e quase obrigam os outros a ouvirem suas pregações, mesmo que se recusem; usam as passagens bíblicas para reforçar suas palavras de forma sinuosa, chegando a “mudar o sentido” dos versículos; “gritam” em seus cultos, o que incomoda bastante os que moram perto dos templos; “fingem” um comportamento exemplar na busca da perfeição e prometem fazer coisas sobrenaturais, como curar doenças. Dizem-se portadores de poderes, que não são concedidos aos seres humanos, somente à Deus. Logo, são, antes de qualquer coisa, “mentirosos”.

2.3.2 EVANGÉLICOS

Para os evangélicos, os católicos são “idólatras”, pois adoram imagens e Deus condena esse tipo de veneração; são “liberais”, o que facilita a vida no pecado; as mulheres usam roupas vulgares, até mesmo em suas igrejas, desrespeitando um lugar que é sagrado para eles próprios; são “infiéis”, porque só procuram a Deus quando tem alguma necessidade; não frequentam semanalmente suas celebrações; são inconstantes, passando tempos sem ir às igrejas, a não ser que lhe sejam convenientes; se julgam os corretos, os primeiros, e esquecem o passado obscuro que a igreja católica teve; por esse motivo, são “desinformados”, uma vez que, antes de criticar as outras religiões, deveriam ter conhecimento de sua própria.

São várias as descrições feitas entre ambos e quase todas estas descrições a respeito do outro é negativa, hora por desconhecimento do contexto em que o outro está inserido, hora por intrigas entre as instituições. E ainda há também um terceiro motivo, o pessoal, que pode ser justificado das mais diversas maneiras.

2.3.3 SER RELIGIOSO

Após a discussão feita até o momento, em relação à programação semanal dos grupos objeto de estudo, poderíamos afirmar, hipoteticamente, que, para ambas as religiões,

ser religioso é ser cristão, haja vista que fora do cristianismo não há salvação. É frequentar as atividades pré-estabelecidas pelo grupo? Viver cordialmente, mantendo sempre a ação da boa vizinhança para com as pessoas que ao redor, e privar-se das coisas mundanas, seguir os ensinamentos bíblicos, e viver para um bem comum? Ou, ao afirmarmos tudo isso, estaríamos cometendo um erro grosseiro, generalizando? Outro questionamento pode nos fazer pensar de uma forma mais objetiva, em relação a essa dúvida: como as pessoas da comunidade do Olho D'água do Constantino se auto afirmam religiosas? Se teoricamente “ser religioso” é ser ativo no grupo ao qual o indivíduo participa, é bom observar que, assim como eles se igualam em alguns aspectos, também se diferenciam, fazendo-se importante nos questionar: ser religioso, pode ter um caráter maleável? Se a resposta for sim, isso seria o suficiente para explicar a pluralidade na definição de um grupo para o outro? E se a resposta for não, mesmo as religiões divergindo em alguns aspectos, existe entre elas uma base comum sobre o que é ser religioso? Todos esses questionamentos são uma tentativa de entender o conflito entre as religiões objetos da pesquisa.

3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Um mundo inconstante, cheio de possibilidades de construções pessoais, este é o mundo humano ou o mundo do homem, parafraseando Peter Berger (1985). Nascemos apenas com uma pequena parte desse mundo formado, o resto dessa formação é pessoal. Construimos, de acordo com nossos próprios valores e experiência de vida, através das mais diversas relações estabelecidas na sociedade, a religião, e esta, por sua vez, nos possibilita a construção de sentido para esse mundo, uma justificação onde tudo tenha conexão e lógica. Justamente por possibilitar a legitimação aos mundos criados pelos indivíduos, que a forma com a qual as religiões veem e colocam essas justificativas, as tornam diferentes uma das outras, e as colocam em lados opostos a algumas situações.

Como diz Rubem Alves (1999, p. 23), “A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. Mas os homens são diferentes. E seus mundos sagrados também”. É perceptível que, tanto Peter Berger (1985), quanto Rubem Alves (1999), nos fazem lançar um olhar para a complexidade que o mundo religioso traz consigo e que nem sempre é percebida pelos indivíduos que tem alguma prática religiosa. Tanto os católicos da Comunidade Nossa Senhora das Graças, quanto os Evangélicos do Templo Pentecostal em Cristo Jesus, tem mundos sagrados distintos. A forma como cada uma dessas instituições justifica o mundo é diferente: os símbolos, os costumes, a forma de viver o religioso, e o modo de contato com o

mundo. Porém, elas têm algo em comum. Ambas são justificadoras de mundos, os tornando plausíveis. E por cumprirem esse papel é que se dá a origem de grandes conflitos entre ambas.

Seguindo esta linha de pensamento, este projeto se propõe a:

Objetivo Geral

- Analisar o papel social que a religião tem na vida dos indivíduos, a partir da percepção de dois grupos religiosos.

Objetivos Específicos

- Compreender a perspectiva dos católicos e evangélicos quanto ao que é ser religioso.
- Demonstrar como a pluralidade e a subjetivação estão se tornando tendência na religião na atualidade.
- Investigar como os “peregrinos” e os “convertidos” vivem a religião posterior a uma experiência insatisfatória em outro grupo religioso.

A partir da pesquisa de campo, poderíamos refletir algumas outras questões inerentes ao objeto de estudo, a saber: que força é essa carregada pelas religiões que legitimam a realidade e que explica as casualidades temporais na vida do homem das mais diversificadas formas? Como lidar com o desejo por liberdade e a busca pela salvação? Como se distingue o mundo do sagrado e o mundo do profano, para as diferentes religiões?

Para conseguir respostas para tais perguntas, é necessário investigar a fundo os grupos religiosos objeto de estudo dessa pesquisa, com o objetivo de facilitar a relação entre ambos. Esta pesquisa se faz importante por proporcionar uma análise focada no fenômeno religioso como fator social, que interfere na vida de todos os indivíduos, mesmo se afirmando religioso ou não, trabalhando algumas reflexões pontuais, como a percepção do outro, a complementação do mundo do homem, o fim da angústia que cerca os homens, o porto seguro onde tudo tem explicação que faça sentido, carregada por uma lógica plausível, onde ele passa a encontrar consolo quando tiver inquietações consigo mesmo ou com os outros, legitimando mundos individuais e coletivos e dando-lhes sentido. Todo o estudo tem um caráter reflexivo e mesmo nos mais complexos debates, seja sucinto e direto, para que até mesmo o mais leigo, ao se deparar com o estudo, não tenha dificuldade em entender todos os debates realizados.

4. QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA

No intuito de atingir os objetivos propostos, apresento a seguinte proposta metodológica. Saliento que a mesma não se constitui em soluções prontas e definitivas, estando passível de modificações ao longo do desenvolvimento e das leituras temáticas a serem realizadas a fim de se conseguir o máximo de conhecimento possível.

A pesquisa é participativa e qualitativa. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os membros das duas igrejas envolvidas na problemática, objeto deste estudo. Abordaremos questionamentos referentes à temática que serão introduzidas em conversas, no intuito que as mesmas fluam de forma natural. Com isso, os entrevistados não precisam ser especialistas no assunto, basta apenas que os mesmos sejam participantes de um dos grupos mencionados. O autor também terá uma parcela de participação na elaboração da pesquisa, pelo fato de, também, fazer parte de um grupo religioso. O mesmo não será omissor, em momento, mas também não pretende modificar ou influenciar os resultados.

Como já mencionado, a leitura de algumas obras se fez e ainda se fará necessária para a realização da pesquisa. Para se chegar aos resultados alcançados até o momento, dentro da perspectiva esperada de um projeto de pesquisa, algumas obras tiveram um papel de extrema importância. Nesse tópico, farei a apresentação e discussão das principais obras que ajudaram na condução e na fundamentação do estudo.

A primeira obra que destaco é de autoria de Rubem Alves (1999), em seu livro *O Que é Religião?* A escrita simples facilita, em partes, a compreensão, o que prende o leitor, além de ser uma obra bastante reflexiva e que requer uma leitura atenta para conseguir apreender as informações. Ao iniciar a leitura, o autor nos convida a elaborar questionamentos sobre os fenômenos religiosos, nos estimulando a ter um novo olhar sobre alguns e, ao mesmo tempo, nos conduzindo a refletir sobre como esses fenômenos acontecem. O autor faz comentários desde a época que os indivíduos descrentes, sem amor a Deus, eram poucos e raros, considerados como portadores de uma doença contagiosa. Existem relatos de algumas ocasiões em que essas pessoas eram castigadas por essa descrença e condenadas a serem queimadas na fogueira. O pensamento desta época era de que a religião concebia a justificativa para todas as questões.

Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava, por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas demoníacas,

que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual [...] O universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana. E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido (ALVES, 1999, p. 11).

Surge na obra, portanto, perguntas que moverão grande parte de todas as discussões no decorrer do livro. Se antes todos eram ensinados a ver e ouvir fatos do mundo religioso como justificação de todos os eventos, acreditando que por trás de todos eles existia um poder sobrenatural, o que aconteceu com a religião no decorrer do tempo? Como ela foi perdendo seu grande poder de justificação do mundo? Sobre essas perguntas Rubem Alves diz:

A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho. Na verdade, uma das marcas do saber científico é o seu rigoroso ateísmo metodológico: um biólogo não invoca maus espíritos para explicar epidemias, nem um economista os poderes do inferno para dar Contas da inflação [...] (ALVES, 1999, p. 11-12).

Para além dessa afirmação, ele nos diz que, mesmo com o avanço da tecnologia e do conhecimento científico, a religião não desapareceu, ela apenas não está mais na mesma condição que um dia esteve. Alguns lugares já não podem mais ser frequentados, lugares estes que até certo tempo a pertenciam, como por exemplo, o centro do saber, os lugares onde os homens tomam as decisões que nos afetam diretamente.

É interessante percebermos, mesmo estando fora de alguns lugares que antes a pertencia, por conta dos avanços da ciência e da tecnologia, a experiência religiosa ainda existe. Com a dessacralização do mundo, essa experiência mudou, menos para as pessoas leigas que estão fora dos círculos do conhecimento científico. Nessa perspectiva, Rubem Alves afirma que:

No mundo sagrado, a experiência religiosa era parte integrante de cada um, da mesma forma como o sexo, a cor da pele, os membros, a linguagem. Uma pessoa sem religião era uma anomalia. No mundo dessacralizado as coisas se inverteram. Menos entre os homens comuns, externos aos círculos acadêmicos, mas de forma intensa entre aqueles que pretendem já haver passado pela iluminação científica, o embaraço frente à experiência religiosa pessoal é inegável. Por razões óbvias. Confessar-se religioso equivale a confessar-se como habitante do mundo encantado e mágico do passado, ainda que apenas parcialmente (ALVES, 1999, p. 12).

Quanto mais adentramos na leitura, mais vamos nos deparando com questionamentos dos processos de transformações do mundo religioso. O autor vai descrevendo a religião e, ao mesmo tempo, definindo como o homem a constitui de sentido e razão, e como ela consegue se sobrepôr no mundo humano das mais variadas formas. A seguir, citarei, com as palavras do próprio autor, uma parte crucial de sua linha de

pensamento, que com a dessacralização do mundo, gerado pelo avanço do pensamento científico e da modernidade, a religião não sucumbiu, ela apenas está adormecida em algumas áreas. Porém, continua legitimadora de sentidos.

A religião não se liquida com a abstinência dos atos lamentais e a ausência dos lugares sagrados, mesma forma como o desejo sexual não se nina com os votos de castidade. E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem. . . então as perguntas sobre o sentido e o sentido da morte, perguntas das horas e diante do espelho. . . O que ocorre com frequência é que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, travestidas, por meio de símbolos secularizados. Metamorfoseiam-se os nomes. Persiste a mesma função religiosa. Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas. Se isto for verdade, seremos forçados a concluir não que o nosso mundo se secularizou, mas antes que os deuses e esperanças religiosas ganharam novos nomes e novos rótulos, e os seus sacerdotes e profetas novas roupas, novos lugares e novos empregos (ALVES, 1999, p. 13-14).

Para finalizar o debate sobre essa primeira obra, que serve como alicerce sólido para esta pesquisa, relato que Rubem Alves foi objetivo em afirmar que o homem é um sujeito de desejo, e os desejos nascem com o sentimento de privação, da ausência de algo, e é justamente para suprir essas ausências e ajudar na realização dos mais diversos desejos da autoafirmação do homem que todas as religiões nascem. Elas são carregadas de símbolos e os símbolos são criados pelos homens. O sagrado é determinado pelo homem e, embora a religião seja criação do homem, ele está sujeito a ela em determinadas situações.

A segunda obra que relato, e que também é de grande importância para este trabalho, tem como autor Peter Berger (1985), intitulado *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. O livro é um pouco complexo, porém fascinante. Trata a religião como um produto histórico. As discussões destacadas pelo autor estão divididas em duas partes. O autor traz em sua obra um conceito importantíssimo para os objetivos desta pesquisa, o conceito de plausibilidade. Ele afirma que a estreita relação entre a religião e o homem é um reflexo da ordem e da moral encontrados na sociedade, por que ambas têm suas origens advindas da religião enquanto instituição. A explicação sobre a fé que o homem deposita em seres divinos ultrapassa qualquer explicação racional, e que nenhuma explicação consegue esclarecer de forma totalmente aceitável seu significado, e que de maneira alguma

jamais conseguiremos definir o que a fé representa para os indivíduos que tem devoção por qualquer coisa que pertença ao mundo sagrado da religião.

Ainda sobre o conceito de plausibilidade ao qual o autor fala em sua obra, ele serve também para nos ajudar a entender como se constrói a legitimação de determinados processos sociais. Para ele, a religião ocupa um lugar de destaque na construção do mundo para que ele seja aceito pela sociedade, e mais, estar fora desse consenso significa, em certa medida, estar apto a sofrer por consequências, por ser contrário ao que pensa a maioria.

Para tentar explicar o porquê dessa força que a religião tem como legitimadora, utilizo das palavras do próprio autor:

A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pela sociedade empíricas. As tênues realidades do mundo social se fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana (Berger, 1985, p. 45).

Agora me direciono à parte principal na obra, pelo menos para a realização desta pesquisa. O autor afirma que a religião detém todo esse poder legitimador porque o homem nasce em um mundo incompleto, diferentemente dos animais, que nascem com um mundo pronto biologicamente falando. Para melhor expressar, destaco, com as palavras do próprio autor, quando se refere a essa condição que o homem encontra ao nascer:

O mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto. Ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem. Comparado com os outros mamíferos superiores, tem o homem, por conseguinte, uma dupla relação com o mundo. Como os outros mamíferos, o homem está *em* um mundo que precede seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, prefabricado para ele. O homem precisa *fazer* um mundo para si. A atividade que o homem desenvolve em construir um mundo não é, portanto, um fenômeno biológico estranho, e sim a consequência direta da constituição biológica do homem. [...] Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura. Seu escopo fundamental é fornecer à vida humana as estruturas firmes que lhe faltam biologicamente (Berger, 1985, p. 18-19).

Os indivíduos têm a liberdade de moldar o mundo que lhes é oferecido, de maneira a melhor atender suas necessidades, e eles fazem isso através da cultura. O autor compreende a cultura como um item da ação e da consciência humana. E a religião, nesse caso, entra em cena como o mecanismo necessário para a manutenção desse mundo. Isso por que esse mundo, socialmente criado pelos homens, se mostra sistematicamente muito menos consistente do que o mundo biológico dos animais, surgindo então a necessidade de juntar

forças para a sua manutenção. Essa manutenção é realizada através de discursos legitimadores, sendo o discurso religioso o mais eficaz.

Peter Berger (1985) diz ainda que o homem está em desequilíbrio até mesmo com seu corpo. Toda a existência humana seria uma tentativa de colocar-se em equilíbrio, tanto com seu corpo, quanto com o mundo. Nessa perspectiva, a religião seria o que mais influenciaria o homem a conseguir esse equilíbrio que lhe falta naturalmente.

A terceira e última obra que destaco nesse tópico tem como autora Danièle Hervieu-Léger, intitulada de *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento* (2008). A autora refere-se à modernidade de maneira mais abrangente, tentando entender suas características e os impactos que esse processo causou na esfera religiosa. Para ela, pode-se pensar em uma modernidade religiosa, que seria a subjetivação e a individualização da crença. Todas as sociedades modernas vivem cotidianamente um paradoxo que causa, ao mesmo tempo, o enfraquecimento das instituições religiosas em disciplinar os fiéis, fragmentando visões de mundo e fazendo com que os indivíduos não se tornem subordinados a qualquer instituição religiosa.

Se a crença e a pertença não “mantêm” mais, ou mantêm cada vez menos unidos, é porque nenhuma instituição pode, de forma permanente em um universo moderno caracterizado tanto pela aceleração da mudança social e cultural como pela afirmação da autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e à sociedade um código unificado de sentidos e, menos ainda, impor-lhes a autoridade de normas que dele decorrem (Hervieu-Léger, 2008, p. 50-51).

Deste modo, surge, então, lugar para novas construções religiosas. Nessa perspectiva, é interessante perceber que nasce no mundo religioso uma liberdade nunca vista. Os homens podem criar sua fé, longe das blindagens de qualquer instituição.

A crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica ao mesmo tempo em que rompe, com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional (Hervieu-Léger, 2008, p. 44).

Outra preocupação da autora é tentar entender o que acontece com a transmissão do patrimônio religioso e como se caracteriza a formação das identidades religiosas na modernidade. A mesma afirma que as atuais sociedades são tão “arreligiosas” – no sentido do rompimento da transmissão religiosa – e não por serem totalmente racionais, mas por serem privadas de uma referência de sentidos que tenham sido transmitidos de uma geração para a outra através de uma memória coletiva religiosa. Por consequência dessa liberdade adquirida

no campo religioso. A autora ainda enfatiza algumas figuras importantes nesse mundo religioso modernizado, pela subjetivação e individualização do homem em relação à crença.

Surge, então, nessa discussão, duas figuras importantíssimas para a modernização do mundo religioso: o “peregrino” e o “convertido”. O peregrino “se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89-90). Ele é aquela figura que não se encontra em nenhum grupo religioso, seu sentimento de pertença a esses grupos não é totalmente satisfatório. Se a imagem do peregrino exemplifica bem a mobilidade religiosa gerada pela modernidade, por outro lado, a imagem do convertido exemplifica da melhor maneira possível o processo de formação da identidade religiosa dentro deste contexto de mobilidade. O que gera uma indagação no debate da obra. Por que justamente no momento que as instituições estão perdendo seu poder, observa-se a busca pela conversão? A autora nos diz que é justamente a instabilidade na identidade herdada que propicia a busca por uma identidade que dê segurança. Nessa perspectiva, o crente tenta se entregar cada vez mais a religião.

Problematizando ainda mais a figura do convertido, a autora ainda nos diz que ele não é homogêneo, dividindo-se em três categorias. A primeira “é a do indivíduo que muda de religião” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 109). Que pertencia a um grupo X e passa a seguir um grupo Y, na tentativa de encontrar estabilidade em sua identidade. A segunda é a do indivíduo que nunca se identificou com nenhuma religião, mas através de uma vivência, seja ela qual for, se integrou a uma religião. A terceira e última é a do indivíduo que já pertencia ao grupo, mas que, através de um maior engajamento, se afirmou na comunidade de fé.

A obra não se resume apenas a essas questões, mas detenho-me apenas as mencionadas, pelo fato delas atenderem às especificidades desta pesquisa. Ao referir-se a uma modernidade no campo religioso, não se afirma apenas a autonomia do homem como ser racional, e o enfraquecimento das instituições, mas também a ênfase nas mais antigas inquietudes humanas em relação ao desequilíbrio que o homem encontra na autoafirmação de sua identidade.

Outras obras, embora não apresentadas nesse tópico, também se fizeram importantes na projeção deste trabalho, e encontram-se referenciadas. Ao se estudar religião, desencadeamos uma enorme rede de conexões entre temas diversos que vão se interligando, ajudando na elucidação das mais diversas problematizações relacionadas a esse campo de pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

ALVES, Rubens. **O que é religião?** São Paulo, 1999.

_____. **Religião e Repressão.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

BERGER, Peter Ludwig, **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulus, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão (org.) **Repensando a Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

CRUZ, João Everton da. **Religião em movimento.** Rio de Janeiro, 30(2): 184-194, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acessado em: 23 março 2017.

DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/prejulgar>. Acesso em: 13 jul. 2017.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LAZZARO, João Guilherme Santos. **Religião e economia:** o que dizem os economistas desde Weber. 2014. Disponível em: <<http://terraoeconomico.com.br/religiao-e-economia-o-que-dizem-os-economistas-desde-weber>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

MARTINS, José de Souza. **O senso comum e a vida cotidiana.** Tempo Social. Rev. Sociol. USP, São Paulo, 10 (1): 1-8, maio de 1998.

MATOS, Alderi Souza de. **A reforma protestante do século XVI.** *Vox Faifae:* Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, v. 3, n. 1, 2011.

SILVA Jr., Reinaldo da Silva. **Resenha do livro O peregrino e o convertido** – a religião em movimento. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 6, nº 1, p. 118-130, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-10.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.